

## O LEITOR EM FOCO: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA SALA DE AULA DO CONTO MEMORIALISTA *POR PARTE DE PAI*, DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

Ana Carla SOUZA - UFCG<sup>1</sup>

Naelza Nóbrega WANDERLEY - UFCG<sup>2</sup>

### RESUMO

Acreditamos que a abordagem do texto literário deve ser conduzida por uma metodologia que proporcione ao aluno a possibilidade de ampliar seus horizontes a cada texto lido, entretanto, uma das dificuldades em torno do ensino de literatura é a resistência em ler por parte de muitos alunos, realidade que constitui um dos empecilhos de um trabalho que por si já é bastante árduo. O ato da leitura é capaz de influenciar e transformar a maneira de pensar e agir, sendo que exige um empenho por parte de quem lê e, também, por parte do docente, uma vez que este é um dos principais mediadores na condução da leitura. É nesse contexto que o presente artigo, com base na Teoria da Estética da Recepção e no Método Receptional, tem como objetivo sugerir uma estratégia metodológica que servirá como ponto de partida para o professor elaborar suas próprias atividades de leitura de narrativas em sala de aula, tendo em vista a apreciação do livro *Por parte de pai* (1995), de Bartolomeu Campos Queirós. Para tanto, respaldamo-nos teoricamente em Aguiar e Bordini (1988), Cosson (2006), Compagnon (2010), Iser (1996), Jauss (1994), entre outros autores.

**Palavras-chave:** Estratégia metodológica. Leitura. *Por parte de pai*.

---

<sup>1</sup> Mestranda no programa de Pós graduação em Linguagem e ensino, ofertado pela Universidade Federal de Campina Grande. É especialista em Linguística pelo programa Curso de Especialização em Língua Portuguesa, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba (2014). Possui graduação em Letras – habilitação Língua Portuguesa também na referida instituição (2011). Este trabalho está relacionado ao projeto de pesquisa do Mestrado.

<sup>2</sup> Naelza de Araújo Wanderley tem Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Pernambuco. Professora da Universidade Federal de Campina Grande, PB, onde atua na UAEP – CSTR e no POSLE – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura não é apenas decodificação, como salienta Magnani (2001), mas uma compreensão do signo linguístico enquanto fenômeno social. Neste caso, a atividade de leitura consiste no desenvolvimento de uma habilidade em que se faz necessário aprender a analisar e interpretar os sentidos presentes no texto literário.

Os textos literários nos dão a oportunidade de abranger e conhecer não apenas os aspectos históricos de determinada época literária, mas, principalmente, de apreciar as obras dos autores que se destacaram ao longo do tempo ou daqueles que fazem parte do nosso presente. Desse modo, o leitor pode apreender um leque de informações através da leitura, desde que ele saiba interpretar.

O leitor do texto literário tem, assim, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, bem como sentir prazer a partir do ato da leitura. Iser (1996), ao tratar do leitor como objeto da leitura, ressalta o objetivo da obra literária- que é o de ser lida. Entretanto, no âmbito escolar, há diversas resistências em torno do trabalho literário em sala de aula, tanto por parte dos alunos que muitas vezes não mostram interesse em ler, assim como por parte dos professores que geralmente não disponibilizam de tempo ou interesse em desenvolver atividades que envolvam uma metodologia mais dinâmica e atrativa. Na maioria das vezes, os docentes optam ou se veem obrigados a seguir as orientações dos livros didáticos, cujas propostas de leitura não motivam a formação do leitor literário e acaba quase sempre conduzindo o professor ao comodismo e repetição do que sugerem os autores desse instrumento de ensino.

Diante das dificuldades expostas, esse artigo tem como objetivo apresentar uma metodologia que privilegie o leitor, visando as possíveis resistências em torno da leitura e as dificuldades vivenciadas pelos professores. Mostraremos, portanto, que é possível realizar a leitura de um conto mais extenso em sala de aula, desde que, para

isso, sejam utilizadas estratégias que visem o leitor e suas necessidades, a estrutura do gênero e o contexto da obra.

Para o desenvolvimento desse trabalho sugerimos o conto memorialista *Por parte de pai* (1995), do autor Bartolomeu Campos Queirós que “embora seja objeto de leitura de todas as idades, porque um bom texto não tem leitores marcados, se volta ao leitor juvenil” (AGUIAR, 2008, p.184). Sendo assim, direcionaremos uma proposta de leitura dessa obra para jovens do ensino fundamental, especificamente para uma turma do nono ano, cujos alunos estão em processo de transição entre o ensino fundamental e posteriormente o médio. Acreditamos que eles possam melhor interagir e dialogar com alguns aspectos considerados complexos e que estão presentes na obra, como exemplo, a perda, agressões físicas, a doença de um parente querido.

Como salientamos, temos consciência das dificuldades em torno do ensino de literatura, entretanto, acreditamos que a abordagem do texto literário deve ser conduzida por uma metodologia adequada e que possa proporcionar ao aluno a possibilidade de ampliar seus horizontes a cada texto lido. Portanto, é nesse contexto que pensamos em algumas estratégias metodológicas que servirão como ponto de partida para o professor elaborar suas próprias atividades de leitura de narrativas em sala de aula.

## 2 ASPECTOS DO CONTO MEMORIALISTA *POR PARTE DE PAI*

O autor mineiro Bartolomeu Campos Queirós, escritor e palestrante, viveu sua infância em Papagaio, cidade localizada no centro-oeste de Minas. Prosa poética, narrativas autobiográficas, eis algumas expressões a que se pode recorrer para caracterizar a obra desse autor, segundo Oliveira (2002). Queirós teve seu primeiro livro publicado em 1974, *O peixe e o pássaro*, seguido de outros: *Pedro* (1981), *Onde tem bruxa tem fada...* (1979), *Fada afiada* (1997), *Ciganos* (1982), *Flora* (2001), *Índez* (1986), *Correspondência* (1986), *Por parte de pai* (1995), *Minerações* (1991),

*Apontamentos (1989), As patas da vaca (1989), Diário de classe (1992), Ler, escrever e fazer conta de cabeça (1996)*, dentre vários outros.

Com seu jeito peculiar, Queirós entrelaça em suas obras a prosa e a poesia. Um traço comum em seus livros é a referência à infância, a exaltação do jogo imaginativo em que vive toda criança. Em *Por parte de pai (1995)*, temos a história de um menino que vive com seus avós, Maria e Joaquim, pois sua mãe faleceu e seu pai é caminhoneiro. Antônio, personagem principal, tinha uma afinidade especial com seu avô e com ele também aprendeu que homem não deve chorar.

Em sua casa Joaquim enfeitava as paredes com sua letra bonita, descrevendo tudo que acontecia na cidade, mas as histórias consideradas indevidas eram escritas no alto, assim só quem tivesse altura suficiente as liam. Maria, a avó, não gostava do silêncio, conversava e resmungava o tempo inteiro, até que um derrame a deixou de cama. A partir desse momento, ela não foi mais a mesma, trocava palavras, fugia, se escondia e não reconhecia mais os filhos.

Ao perceber a gravidade da situação, Joaquim, que andava desgostoso e preocupado com sua esposa, certo dia, chamou seu neto para conversar. Falou sobre o tempo que nos engole e como caminhamos para a “boca do tempo”. Nesse momento, emocionado, o avô se rende e chora.

Ao longo dessa história temos a oportunidade de acompanhar as brincadeiras, aprendizagens do neto com seu avô, os devaneios de menino e também seus medos. Através da conversa com seu avô, Antônio compreende que chegou seu momento de partir e assim seu pai vem buscá-lo. O avô não aparece para se despedir, mas o menino sabe que a conversa foi o modo do seu avô dizer adeus, já sua avó, conforme a compreensão do personagem, havia se despedido há tempos e o jovem menino segue um novo caminho com seu pai.

Essa narrativa autobiográfica traz memórias que revelam uma relação familiar, cercada por problemas reais, que de algum modo também pode fazer parte da vida dos seus leitores. A experiência “vai sendo vivida nas práticas diárias do avô, das quais o narrador sempre era chamado a participar” (PELLEGRINI, 2005, p. 86). Lima e Pereira

(2008) ressaltam que não há uma sequência cronológica na edição das memórias do personagem na obra, parece um fluxo de sentimentos e recordações, fato, que segundo as autoras, reflete o próprio conceito de memória como atividade involuntária. Elas mostram que a forma como as histórias aparecem na obra é essencial para notar como funciona o pensamento associativo da criança. Assim, conforme as pesquisadoras, as memórias são contadas conforme as impressões subjetivas de muitas estórias, desse modo há sempre uma ligação que as une, seja uma palavra, um personagem ou um objeto.

Portanto, essa narrativa aborda as memórias de um menino e mostra, segundo Pellegrini (2005), a capacidade do personagem de ler o mundo a partir das experiências de vida do avô e que deixam marcas no narrador, por meio de uma sensibilidade que permite a compreensão das diversas dimensões da leitura.

### 3 O LEITOR LITERÁRIO NO ESPAÇO ESCOLAR

No livro *Por parte de pai* (1995), de Bartolomeu Campos Queirós, o avô do personagem “oferece ao neto uma espécie de biblioteca desordenada de nossa vida letrada, isto é, os textos ali estão como surgem em nosso cotidiano, de modo espontâneo, em situações diversas” (AGUIAR, 2008, p. 181). Ao ler os textos escritos pelo avô, o neto (personagem principal) exercita a leitura e vai exercendo habilidades, tais como identificar, analisar e interpretar.

Ao tratar da formação do leitor literário em sala de aula, uma das questões mais discutidas entre os docentes, uma vez que exige dos professores determinadas estratégias metodológicas que abarquem um planejamento para desenvolver o gosto pela literatura, entendemos que se faz necessário rever constantemente a nossa prática de ensino e, sobretudo, ampliar o repertório de leitura literária, se objetivamos desenvolver um trabalho de qualidade.

Podemos encontrar leitores que veem o ato de ler como uma viagem, um rito de passagem capaz de influenciar e modificar sua forma de pensar e agir, cujos

acreditam que a leitura exige empenho por parte de quem lê para apreender o que está sendo dito através do texto. Entretanto, nos deparamos também com aqueles que acham a leitura uma atividade chata e desgastante. Geralmente, essa última opinião é a que mais está presente nas salas de aula, ou seja, alunos que afirmam categoricamente que não gostam de ler porque é chato. Desse modo, estamos cada vez mais distante da categoria *Leitor Informado* que Iser (1996) menciona, ou seja, o leitor que tem conhecimento semântico e traz esses conhecimentos para o processo de leitura do texto, tendo, assim, competência literária. Concluímos que se os alunos resistem sempre à prática de leitura conseqüentemente anulam a oportunidade de ampliar seus horizontes, bem como enriquecer seus conhecimentos de mundo.

Ao tratar do texto literário, é possível afirmar que a interação central entre a estrutura da obra e o seu receptor acontece no processo de leitura. Segundo Iser (1996), a obra literária tem dois pólos que podem ser chamados de artístico e estético. O pólo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético se refere a concretização produzida pelo leitor, assim, o texto se realiza por meio da constituição de uma consciência receptora.

No âmbito escolar, para que haja esse processo de recepção, é preciso que antes o professor se disponha a mostrar e trabalhar com seus alunos os textos literários, os quais são muitas vezes esquecidos nas bibliotecas das escolas, ficam apenas nos planos de aula ou são trabalhados como pretexto para o ensino de regras gramaticais. Os leitores presentes nas escolas possuem grandes limitações e mostram dificuldades no ato da leitura, portanto, o *Leitor ideal*, discutido por Iser (1996), aquele que deve preencher todas as lacunas do texto, bem como compreender as intenções do autor, o que possibilitaria uma leitura em potencial, capaz de esgotar todos os sentidos do texto ficcional, não condiz com os leitores reais presentes nas salas de aulas, inclusive fora delas.

Muitas vezes, nas salas de aulas, encontramos práticas de leitura que buscam atender a um interesse, mas o interesse em foco nem sempre é formar um aluno leitor que goste de realizar essa prática. Diferentemente do interesse que Aguiar (2008)

ressalta, aquele que faz com que o sujeito busque outras leituras, não é despertado porque os alunos não veem um sentido para o que está sendo lido.

Zilberman (2005, p. 9) enfatiza que “ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular”. Nem todos os livros trabalhados irão agradar a todos os alunos e isso é comum, pois os gostos são variados, mas é preciso dar oportunidades deles conhecerem, porque esses mesmos livros podem abrir caminhos para a leitura de outros.

Por isso, acreditamos que a leitura de obras literárias deve estar presente desde as séries iniciais, pois ao incentivar o aluno desde cedo, ele terá mais chances de conhecer e amadurecer suas leituras conforme o passar das séries.

Diante desse contexto de prática de leitura buscaremos no método recepcional as contribuições desse estudo para desenvolvermos um trabalho que contemple o leitor e que o mesmo entenda a importância da obra literária como uma forma de apreciação e ampliação dos seus conhecimentos.

### **3.1 Formação de leitores: contribuições do Método Recepcional**

A Teoria da estética da recepção surge na década de 60, a partir das contribuições de Hans Robert Jauss. Inicialmente, mesmo não estando voltada ao meio educacional e as atividades em sala de aula, como salienta Silva (2014), esse estudo entra no campo da teoria da literatura e polemiza as concepções vigentes sobre a história da literatura. Entretanto, a proposta de Jauss, conforme Zilberman (1989) não é se desfazer da história e sim reabilitá-la sob um novo estatuto, dessa forma, temos um modo novo de pensar a historiografia literária.

Com base em Jauss (1994), a historicidade da literatura consiste em um experienciar dinâmico, ou seja, é um processo de produção e recepção estética vivenciada tanto por parte do leitor como também do autor, assim, os fatos

convencionais que moldam a história da literatura se tornam um mero processo que compõe um passado o qual pode ser coletado e classificado.

Ao tratar da aproximação entre texto e leitor, segundo Aguiar e Bordini (1988), o ato de produção/recepção se dá a partir da obra, uma vez que as expectativas do autor se fazem presente em seu texto e as do leitor a ela transferida. Assim, é preciso que haja interação entre o leitor e o texto, mas muitas vezes estes estão em horizontes históricos diferentes, portanto o texto é o campo em que dois horizontes podem se identificar ou se estranhar.

É possível afirmar que a leitura do texto literário em sala de aula é um desafio para o professor. Diante desse contexto, Aguiar e Bordini (1988) estabelecem o Método Receptional como ponte de interação entre o texto e o leitor, mas é preciso que haja uma estratégia metodológica adequada para cada gênero literário trabalhado, pois cada obra possui suas peculiaridades. As autoras citadas abordam cinco etapas que envolvem o método receptional, as quais serão descritas a seguir.

Primeiramente, a determinação do horizonte de expectativa, sugerido pelas pesquisadoras acima, é um dos primeiros passos que o professor pode seguir, com o objetivo de organizar as próximas estratégias metodológicas, pois o horizonte de expectativa levantado pode conter informações que ajudarão o docente a conhecer melhor a realidade dos seus alunos.

Esse levantamento pode ser feito através de discussões em sala de aula, de diário de leitura, de questionários de sondagem ou através de outras atividades de interação, a fim de sondar a experiência de leitura dos estudantes.

A etapa seguinte se configura no atendimento do horizonte de expectativa, ou seja, o professor poderá proporcionar experiências com o texto literário que contemple as necessidades e expectativas da turma. Já a ruptura deste horizonte de expectativa consiste na busca de outros textos, mas que tenham algo em comum para dar continuidade ao assunto. Nessa etapa, serão oferecidos textos que se assemelhem aos textos anteriores, como tema, estrutura e linguagem. É importante que os alunos

também saibam identificar nos textos as diferenças e semelhanças através do processo de leitura.

Posteriormente a essa fase, aplica-se a etapa de questionamento do horizonte de expectativa, o aluno mostrará a sua análise da leitura do texto literário, decidindo quais textos, temáticas melhor contribuíram para o seu aproveitamento. Portanto, o resultado de toda a reflexão sobre a leitura do texto literário se dará através da ampliação do horizonte de expectativa, que se refere ao amadurecimento do aluno enquanto leitor.

Aguiar e Bordini (1988) salientam que a atitude receptiva começa com a aproximação entre o texto e o leitor. Na escola, o método recepcional de ensino “funde-se na atitude participativa do aluno em contado com os diferentes textos” (AGUIAR, BORDINI, 1988, p. 85).

Vale salientar que o sucesso desse método no ensino de literatura, com base no que declaram estas pesquisadoras, é assegurado quando os objetivos em relação aos alunos são alcançados, tais como:

Efetuar leituras compreensivas e críticas; Ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem; Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural; Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. (AGUIAR, BORDINI 1988, p.86)

Ao tratar do processo de recepção, Aguiar e Bordini (1988) esclarecem que esse processo completa-se quando o leitor, tendo comparado a obra lida ao seu contexto, a inclui ou não em seu horizonte de expectativa e a partir disso parte para outras leituras. No entanto, para chegar a esse momento de inclusão da obra no horizonte do leitor é necessária a leitura efetiva do texto, ou seja, a participação de quem lê.

Para isso, ao pensar no trabalho em sala de aula, o professor, como mediador, precisa por o aluno como o elemento principal em suas atividades de leitura, pois para que haja o crescimento do aluno/leitor em termos de expansão do seu horizonte de expectativas, em primeiro lugar, ele deve se disponibilizar a aceitar o contato com

novas leituras, assim é preciso mostrar sugestões, possibilidades e não se restringir apenas a um gênero, por exemplo.

Para tanto, será de extrema importância, como já é sugerido acima pelo método recepcional, que se sonde o conhecimento prévio, bem como a realidade da turma enquanto leitores, atendendo ao horizonte de expectativa do aluno.

Dessa maneira, o livro *Letramento literário* (2006), de Rildo Cosson, apresenta algumas sugestões de estratégias e dinâmicas de como trabalhar melhor o texto literário, que corroboram com as etapas defendidas pelo método recepcional, as quais buscam atender o leitor e suas necessidades. Sendo assim, este teórico comenta que:

o importante é que o professor perceba que essas atividades são possibilidades que só adquirem força educacional quando inseridas em um objetivo claro sobre o que ensinar e por que ensinar desta ou daquela maneira. (COSSON, 2006, p.121)

Partindo dessa premissa, Cosson (2006) também sugere que o professor, inicialmente, prepare o leitor para receber o texto como forma de motivação, pois os sentidos não são passados apenas pelas palavras escritas. A inserção do texto dentro do contexto enriquecerá a leitura feita em seguida. Posteriormente, na introdução, pode ser realizada, por exemplo, a apresentação da obra e do autor, mas é importante que o professor esclareça para seus alunos o motivo que o levou à escolha do texto.

A leitura é um processo que pode ser acompanhado pelo docente, desse modo “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (COSSON, 2006, p.62). No entanto, não podemos confundir acompanhamento com policiamento, temos que lembrar que a leitura deve ser vista como algo que também proporciona prazer. E este “objetivo a cumprir” não é a realização de testes ao final da leitura, mas um auxílio cuidadoso nas dificuldades para que o texto possa ser realmente compreendido.

Já a interpretação é o momento de compartilhar e ampliar os horizontes de leitura. Desse modo, “[...] não há restrições para as atividades de interpretação, desde

que se mantenha o caráter de registro do que foi lido” (COSSON, 2006, p.66). Ou seja, não é necessariamente função da literatura levar o aluno a escrever, mas o contato com o texto literário proporciona a formação de um leitor crítico, capaz de estabelecer pontos de vista coerentes, tanto na oralidade quanto na escrita, formando-se assim um cidadão ativo em seu meio social.

Cabe ao professor perceber até onde irá com os seus alunos, mas a grande importância é que se trabalhe realmente em sala de aula as diversas possibilidades de ensino-aprendizagem e não se detenham apenas a um aspecto. Portanto, é preciso traçar um objetivo e elaborar uma metodologia que venha a favorecer aos alunos e a obra a ser trabalhada, assim como cada gênero tem sua especificidade, as obras possuem suas particularidades que precisam ser vistas como únicas e serem apreciadas como tal.

Acreditando que a literatura deve ser encarada como uma experiência prazerosa, que deve estimular o leitor e convidá-lo a buscar novas obras e as ler de diferentes maneiras, Cosson (2006) comenta que é necessário mostrar que através da literatura o sujeito pode conhecer a si mesmo e ao mundo que o cerca.

#### **4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A LEITURA EM SALA DE AULA DA OBRA *POR PARTE DE PAI***

Como já mencionamos, o trabalho com a leitura em sala de aula encontra bastante resistência, pois muitos alunos não mostram interesse, sentem dificuldades para ler ou simplesmente não leem textos que possuem muitas páginas, ficando, assim, apenas na superfície das primeiras páginas ou recorrendo logo ao fim do livro. O professor, por sua vez, com sua carga horária e vida atribulada, ou desestimulado por um sistema educacional precário que não busca incentivá-los, não se mostra, muitas vezes, interessado em inovar suas aulas ou em criar novas estratégias de leitura para seus planos de aula.

Diante dessa realidade exposta e tão discutida no âmbito escolar, sugerimos para aqueles professores que ainda se sentem estimulados e acreditam na importância da leitura de textos literários, bem como de outros textos, inovar ou criar outras práticas de leitura para sala de aula, e, principalmente, compartilhar com aqueles professores que não sentem mais desejo ou estímulo para melhorar seu trabalho. Através de simples comentários sobre as possíveis novas estratégias e seus resultados, talvez, seja possível que os demais professores (ouvintes) se sintam instigados em tentar algo novo. Compagnon (2010), ao comentar sobre a resistência do leitor, ressalta que no processo de leitura

Aquilo de que nos lembramos, aquilo que marcou nossas leituras de infância [...] não é o próprio livro, mas o cenário no qual nós o lemos, as impressões que acompanharam nossa leitura. A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação. (COMPAGNON, 2010, p. 143)

Nem todos os livros lidos causarão essa identificação imediata, ou poderemos relacionar nossa própria vida a história do livro. No entanto, é importante que tenhamos a oportunidade de ler, escolher, deleitar-se por aqueles que mais gostamos. Já para aqueles livros que não nos identificamos resta também mais uma experiência vivenciada, a qual também podemos discutir sobre ela. É comum escutarmos que aquilo que nos emociona será sempre lembrado, talvez, por isso, Compagnon (2010) enfatize que não é exatamente do livro que lembraremos, mas das impressões que nos marcaram.

Ao sugerir a leitura de *Por parte de pai* (1995) temos clareza de que esta não é uma obra que irá conquistar seu leitor pelo viés do humor, do riso, da simplicidade de ter apenas temas agradáveis, pelo contrário, é uma narrativa que aborda questões complexas como a morte, a doença de um parente querido, a despedida de pessoas consideradas importantes. Mesmo com o teor dessas temáticas há também a presença do amor, da cumplicidade entre avô e neto, do ensino e aprendizagem das experiências que marcam a vida desses dois personagens.

Assim, para organizarmos uma estratégia de leitura dessa obra, temos que analisar o gênero literário abordado, as temáticas que perpassam a obra, a extensão do texto, bem como indagar as possíveis dificuldades que os alunos poderão encontrar, tendo em vista que muitos não gostam de ler.

Essa narrativa é composta de 73 páginas, considerada extensa para aqueles que não gostam ou não tem o hábito de ler, entretanto, o professor poderá dividir a obra em quatro momentos: “A casa de meu avô” (do início do livro até a página 14); “Brincadeira na Rua da Paciência e os ensinamentos do meu avô” (da 14 até a página 41); “Meu avô e meu pai, carinhos distintos” (que vai da 41 até a página 56) e “A doença da minha avó” (página 56 até a página 73).

Como já salientamos, ao organizar uma estratégia é importante conhecer bem o texto a ser trabalhado. Esse conto memorialista permite que haja essa divisão acima, as histórias não são separadas por capítulos, mas a estrutura do livro se assemelha a forma que nossas memórias surgem, ou seja, ora lembramos de um aspecto, ora pensamos em outro assunto, mas na obra há sempre um ponto em comum para unir toda a história. Essa divisão estabelecida não comprometerá a compreensão do livro e servirá para uma melhor organização em sala de aula, ou seja, poderemos ler esse livro em quatro momentos distintos.

Aqui defendemos a ideia de que existem algumas estratégias que o professor pode utilizar para ler um livro completo com seus alunos em sala de aula, sem recorrer a resumos. Deixamos claro que além de ler com os alunos é importante também que o professor pense em estratégias para as discussões de cada parte, ou seja, o docente poderá intercalar as aulas, em uma aula ele realizará a leitura da primeira parte, em outra, o professor pode discutir sobre o que foi lido no primeiro momento. Vale salientar que esse momento de discussão deve ser realizado de modo dinâmico e não deve ser mais uma ocasião em que o professor passará exercícios, aparentemente interpretativos, mas que só resultam em cópias do próprio texto. O professor, através das etapas apresentadas pelo Método Recepcional, pode elaborar estratégias que

ajudem o aluno no processo de recepção da obra, partindo inicialmente da determinação do horizonte de expectativa do aluno.

Assim, para ler o livro *Por parte de pai* (1995) em quatro momentos, podemos começar incentivando os alunos como se fossem vencer as etapas de um jogo, que eles consideram muito difícil, mas que é possível ultrapassar os níveis e “zerar” o jogo. Inicialmente, é preciso que alguém se disponha a começar esse jogo, no entanto, para dar o primeiro passo sempre há muita resistência. Então, o professor pode começar lendo essa primeira parte do livro para seus alunos, de modo que ele faça uma leitura de fato expressiva, que dinamize sua leitura nos momentos necessários. É preciso que o docente se permita a realização de um jogo performático para que esse momento não seja de mais dispersão do que acompanhamento por parte dos alunos.

Na segunda parte, “Brincadeira na Rua da Paciência e os ensinamentos do meu avô” (da 14 até a página 41), o professor, de acordo com a quantidade de alunos, poderá distribuir partes do texto para compartilhar a leitura, ou seja, ele organiza em pequenos papéis as partes que cada aluno poderá ler, situando-o conforme a página. Vale salientar que para esse trabalho ser possível o professor deve solicitar que os alunos estejam com o texto em mãos. Já aqueles alunos que estiverem sem material, o professor, caso tenha cópias a mais, poderá ter como estratégia o empréstimo do material. Mas, se não for possível, o aluno poderá acompanhar a leitura com o colega que tem a cópia do texto, assim, todos terão a oportunidade de participar. Esse momento, em que todos os alunos tem a chance de ler, dependendo da realidade da turma, pode haver negações, muito barulho e dispersões. Mas o professor não pode perder a firmeza do seu objetivo que é levar os alunos a ler e participar, assim, é preciso saber argumentar e ser mediador entre o texto e os alunos.

Diferentemente dos dois momentos anteriores, em que o professor fez a leitura e posteriormente os alunos, para esse terceiro momento, o docente pode pedir a colaboração de outras pessoas para realizar a leitura da parte “Meu avô e meu pai, carinhos distintos” (que vai da 41 até a página 56). É muito importante saber que outras pessoas leram o mesmo livro e compartilham da mesma experiência de leitura,

além disso, a escuta da leitura do outro pode estimular a nossa própria leitura. Para esse trabalho devemos buscar a ajuda de alguns colaboradores, os quais deverão ser leitores que saibam de fato se expressar através da própria leitura do texto. Esse procedimento deve ser gravado, seja através do aparelho de celular ou de um gravador, depois deve ser passado, por exemplo, para o computador. O importante é que o áudio esteja bom o suficiente para que todos os alunos possam escutar a leitura dessas pessoas, assim, eles terão a oportunidade de vivenciar uma experiência de leitura que se diferencia das que estão habituados, ou seja, aquela em que professor ler ou que solicita a leitura dos alunos.

Para a última parte da leitura do livro, de acordo com a realidade de cada turma, o professor poderá sugerir que os alunos se organizem em um círculo e simplesmente pedir a colaboração dos alunos para vencer a última fase desse jogo. De modo argumentativo, o professor pode mostrar o quanto já venceram juntos e mesmo que a obra não agrade a todos o docente pode frisar que os obstáculos estão sendo ultrapassados, assim, outras leituras poderão agradar de modos diferentes, mas cada discussão é única e este jogo pessoal pode ser vencido, caso continuemos a persistir. Assim, para essa ocasião, o docente poderá deixar a leitura a disposição dos alunos que se sentirem à vontade para ler, geralmente, apenas uma pequena minoria de alunos querem de fato, mas, diante dos empecilhos, podemos afirmar que este jogo vai sendo ganho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo, defendemos a ideia de que existem estratégias de leitura que possam ser possíveis de se realizar em sala de aula. A partir de uma mesma obra podemos criar diversas estratégias, mas acreditamos que elas devem se adequar as dificuldades que frequentemente encontramos em sala de aula, como exemplo, a resistência dos alunos em ler textos mais longos. Sabemos que em casa muitos alunos não dedicarão seu tempo para pegar um livro e ler, essa realidade está cada vez mais

distante, então que possamos encontrar melhores maneiras de levar o aluno a tentar ler essas obras literárias que tanto defendemos.

Para que possamos incentivar os alunos, inovar as estratégias, ser mediador de fato entre o aluno e o texto é preciso que nós, enquanto professores, sejamos também leitores, só assim ampliaremos nossos conhecimentos. Não basta apenas cobrar. É preciso ser leitor e conquistar novos leitores.

Apresentamos essas sugestões para os professores que buscam de um ponto de partida para o desenvolvimento de suas atividades de leitura, pois é compartilhando experiências que também adquirimos novos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **A palavra na boca do tempo**. In: **Narrativas juvenis: outros modos de ler**. CECCANTINI, João Luís. PEREIRA, Rony Farto. (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. **A formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Consuelo Fontes Santiago. 2.ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ISER, W. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. Vol. 1. São Paulo: 34 Editora, 1996. P. 49-79.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto e linguagem)
- OLIVEIRA, Maria Lilia Simões de. A memória da infância no discurso literário de Bartolomeu Campos Queirós. In: TURCHI, Maria Zaira. & SILVA, Vera Maria Tietzmann. (Orgs.) **Literatura Infante-Juvenil: leituras críticas**. Goiânia: Ed. Da UFG, 2002. (Coleção Horus)
- PELLEGRINI, Stella de Moraes. **Caminhos e encruzilhadas: percursos poético e político de Bartolomeu Campos de Queirós, da formação do leitor à formação dos leitores**. Belo Horizonte: RHJ, 2005.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai**. 8.ed. Belo Horizonte: RHJ, 1995.
- SILVA, Ananília Meire Estevão da. **Tecendo leitores e leituras: A botija em sala de aula**. Campina Grande: UFCG, 2014.

ZYLBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.